17:22 45%

Opinião do GLOBO

Escassez de vacina contra Covid expõe falhas na Saúde

Lula e o PT reclamavam com razão do negacionismo de Bolsonaro. Mas não compraram doses necessárias a tempo

Um dos desafios das autoridades de saúde tem sido convencer os brasileiros a se vacinar. Os índices têm ficado abaixo do recomendado, ameaçando a volta de moléstias controladas. Mas, para que a população possa se proteger, é fundamental haver vacina nos postos. Lamentavelmente, o Ministério da Saúde tem falhado nessa tarefa. Enquanto sobra vacina contra a dengue em razão do baixo comparecimento aos postos, estoques contra a Covid-19 estão em falta em vários estados, bem no período em que problemas respiratórios aumentam o fluxo de pacientes às emergências.

Na cidade do Rio, a vacina contra Covid-19 acabou. As últimas 500 doses foram aplicadas no dia 13, durante um mutirão de vacinação contra a gripe e outras doenças. Só restaram as pediátricas. O secretário municipal de Saúde, Daniel Soranz, diz aguardar receber novas doses do ministério. Situação semelhante vivem outras capitais, como Curitiba e Vitória. Em São Paulo, as vacinas já começam a desaparecer. Os estados do Rio Grande do Sul e Maranhão também enfrentam escassez. E as doses que existiam, desatualizadas, nem cobriam a variante em circulação.

Há um problema evidente de gestão no ministério, que compra as vacinas e as distribui a estados e municípios. A esta altura, era esperado que os postos de saúde as oferecessem. Não é o que se vê. Com a demora, corre-se o risco de a vacina ficar defasada diante de novas variantes. As mutações não obedecem ao cronograma leniente do ministério.

Em dezembro, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou uma versão atualizada da vacina da Pfizer contra a variante em circulação, a XBB. Em março, a agência liberou também outra vacina, da Moderna, que segue as últimas recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Os técnicos já deram sinal verde para o governo comprar ambas.

O Ministério da Saúde tem alegado que a aprovação da vacina da Moderna perturbou as compras, uma vez que o plano inicial era adquirir apenas a versão atualizada da Pfizer. Ora, o cidadão não pode ser punido pela falta de planejamento. Já é difícil convencer os brasileiros a ir ao posto de vacinação. Mais ainda a ter de voltar. Agora o ministério promete que as 12,5 milhões de doses compradas na sexta-feira chegarão num prazo de dez a 12 dias.

Em maio do ano passado, a OMS declarou o fim da emergência mundial de saúde pública para a Covid-19. Foi um alívio para o mundo depois da pandemia mais letal dos últimos cem anos. Hoje a doença está controlada. Mas, é sempre bom lembrar, a estabilidade só foi obtida graças à vacinação em massa. No Brasil, a recomendação é que recebam reforço semestral ou anual os grupos vulneráveis — idosos, gestantes, puérperas, imunossuprimidos, trabalhadores da saúde, pacientes com comorbidades etc. Para isso a vacina precisa estar disponível.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o PT passaram quatro anos criticando — com razão — o caos e o negacionismo na saúde durante a administração Jair Bolsonaro. Agora que estão no governo, precisam mostrar serviço. Está claro que há problemas de gestão no Ministério da Saúde. Não se pode deixar que os estoques de vacina contra a Covid-19 acabem, prejudicando a população vulnerável. O mínimo a esperar é que haja vacinas nos postos e que estejam atualizadas para combater as novas cepas do vírus. Só assim será possível prevenir mortes evitáveis.

Impacto econômico revela urgência do combate ao aquecimento global

Renda da população mundial poderá cair 19% até 2050. Se metas não forem cumpridas, perda será maior

As projeções sobre o impacto do aquecimento global na economia se as metas do Acordo de Paris não forem cumpridas consideram o histórico de temperatura e renda de países. Decididos a fazer uma análise mais detalhada, três pesquisadores da Universidade de Potsdam, na Alemanha, examinaram dados de mais de 1.600 pontos do planeta nos últimos 40 anos em busca dos efeitos da variação do clima nos rendimentos da população. Traçaram cenários detalhados até 2050. Norte e Centro-Oeste do Brasil estão entre as regiões onde a renda deverá cair mais no planeta, com médias superiores a 25%, na comparação com um cenário de aquecimento controlado. Regiões do Norte da África, da Península Arábica e Paquistão estão no mesmo grupo. Em maior ou menor grau, as populações de todos os estados brasileiros sofrerão perda.

Publicado na última edição da revista científica britânica Nature, o estudo prevê que os países ricos, como Estados Unidos, Japão e integrantes da União Europeia, também deverão ter prejuízo, mas em escala menor. Regiões mais próximas do Ártico, como norte do Canadá, Escandinávia e Rússia, são as únicas que experimentarão alta nos rendimentos. O saldo global, no entanto, será negativo. A estimativa é que a renda global caia 19% nos próximos 26 anos. Os US$ 38 trilhões de perda projetados para 2049 estão muito acima do valor necessário para manter o aumento das temperaturas abaixo de 2 °C, como estipula o Acordo de Paris.

Os danos decorrentes do aquecimento global já são conhecidos: queda na produtividade na agricultura, danos à infraestrutura causados por eventos climáticos extremos ou doenças e problemas de saúde relacionados a ondas de calor. Os pesquisadores alemães concentraram a análise nas alterações de temperatura, sem levar em conta fatores como elevação do nível do mar. Dizem que o futuro poderá ser pior. "Esses danos de curto prazo são resultado de nossas emissões passadas. Precisaremos de mais medidas de adaptação se quisermos evitar pelo menos alguns. E temos de reduzir nossas emissões de forma drástica e imediata para que as perdas econômicas não fiquem ainda maiores na segunda metade do século", afirmou em comunicado Leonie Wenz, uma das autoras do estudo.

A pesquisa não pretende ser definitiva e ainda será debatida no meio científico. Sua contribuição está em chamar a atenção para a questão, não em ser um retrato fiel do mundo em 2050. Quanto mais potente o conjunto de estudos sobre os efeitos do aquecimento global, maior a chance de combater o que psicólogos sociais chamam de "desconto do futuro" (a dificuldade de atribuir o mesmo nível de realidade ao futuro que ao presente). Isso explica por que muitos não gostam da ideia de sacrifício hoje em troca de recompensa no amanhã. Como diz o sociólogo britânico Anthony Giddens, a política da mudança climática precisa lidar com um paradoxo. Como os piores efeitos ainda não são tangíveis, as previsões parecem irreais. Mas, se esperarmos para agir quando se tornarem realidade, será tarde demais.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

FERNANDO GABEIRA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

A proximidade de uma guerra absurda

A tensão entre Israel e Irã nos mantém alertas não apenas sobre a possibilidade de um conflito regional, mas de algo muito mais amplo, que envolva toda a humanidade.

Neste momento, considero muito interessante a reflexão do escritor Amin Maalouf no livro recém-lançado no Brasil "O labirinto dos desgarrados, o Ocidente e seus adversários" (Editora Vestígio, 332 páginas). Ele não é cientista político nem estrategista. É um escritor que não só tem coragem de afirmar o absurdo da guerra, como de devolver as qualificações de romântico ou ingênuo atribuídas aos que a consideram inevitável.

Creio que Maalouf, nascido no Líbano e vivendo na França, tem muitas razões para refletir bem sobre o Ocidente. Ele escreveu um livro sobre as Cruzadas mostrando como, nas Cruzadas, os europeus comiam crianças muçulmanas no espeto. Ele conhece também todos os horrores da colonização europeia na África, Ásia e em todos os outros lugares por onde ela se instalou. Mas seu conhecimento da História mostra também que o ódio sistemático ao Ocidente acaba desviando para a barbárie e para a autopunição.

Na comparação entre as duas guerras frias, a que terminou com o fim do Império Soviético e a atual, Maalouf compreende bem que países como Rússia e China, que, de certa forma, encarnavam a revolução no passado, representam hoje o campo do conservadorismo político, social e intelectual. Essa constatação parece não ter chegado à esquerda brasileira, mas isso é apenas um detalhe.

Uma das importantes conclusões do livro é que nem os ocidentais nem seus aliados são capazes de conduzir a humanidade para fora do labirinto em que ela se perdeu. Isso é verdade, pois nenhuma nação detém todas as virtudes e todas as respostas, muito menos o direito de dominar as outras.

O grande esforço intelectual do momento é dissecar todos os elementos de conflito no mundo e neutralizá-los

Ele pensa que estaríamos realmente perdidos se acreditássemos que a humanidade precisa de uma nação hegemônica para liderá-la. Estaríamos condenados a torcer pelo que nos maltrata menos, tipo de opção que alguns países como o nosso são forçados a adotar no plano da política interna.

A estupidez de uma guerra mundial pode nos destruir. Mas é uma pena, pois temos grandes problemas comuns, como o combate à emergência climática, e grandes possibilidades de progresso por meio da evolução da medicina genética e mesmo da inteligência artificial, se conseguirmos controlar suas consequências. Apesar de parecer ingênuo, é necessário apostar na paz. Claro que, num confronto mundial, o Brasil, com suas raízes históricas e culturais, é um país do Ocidente e deve ficar ao seu lado.

Mas antes de tudo é necessário investir não só na paz regional no Oriente Médio, como em todos os lugares onde houver conflito. Os fundamentos de nossa política externa nos permitem isso. Há, porém, uma brecha entre os fundamentos e a prática, marcada até agora por frases infelizes e uma visão nostálgica da primeira Guerra Fria. A ideia de que existe democracia relativa na Venezuela ou democracia efetiva na China é apenas resultado de uma visão que não encontra nenhuma base no mundo real.

Na verdade, a democracia não é a única forma de governo. Não se pode universalizá-la com adjetivos, muito menos tentar levá-la a outros países na ponta da baioneta como os Estados Unidos fizeram em muitas ocasiões. O grande esforço intelectual do momento é dissecar todos os elementos de conflito no mundo e neutralizá-los.

Maalouf destaca um deles que contribui enormemente para envenenar o clima político. É o vínculo que estabelece entre religião e identidade, sobretudo nos países de tradição monoteísta. Os conflitos identitários que se baseiam em referências divinas acabam envenenando a História humana. Nesse ponto, há um reconhecimento da longevidade de Confúcio: para ele, o que importava era o comportamento do cidadão na cidade, e não suas preferências metafísicas.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: João Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maia, André Vieira da, Fábio Barbosa, Luiza Bapista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cocaia - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiis - leila.suwiis@sp.oglobo.com.br
Saúde: Ariana Dias Lopes - ariana.dias@sp.oglobo.com.br
Segunda Caderno: Marcelo Bathe - bathe@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Caroline Giulari - gdi@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Bathe - bathe@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.G.: Vera Cruz - veracruz@oglobo.com.br
Bairros: Viktor Carmon Filho - mailcrm@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Maurício Xavier (interino) - mauricio.xavier@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito ou débito automático em conta-corrente (preço de seguinte ao vigente)
(para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90)
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobranças de multa ou renovação de assinatura. Desconfie se qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO até seu porta de casa, acesse para verificar o seu CEP: oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5101 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5202

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350
Missas, religiosos e Kinofone: (21) 2534-4033
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC MIX CREDITS
A marca do manejo florestal responsável
Leia mais e faça pergunta: Certificado FSC
CARBON FREE